NOTAS DE UMA PROFESSORA

Roza Maria Dias Assis *

Meu encontro com Língua Portuguesa, na escola de 1º Grau, vem acontecendo desde 1971. Neste ano, transferi-me de Belo Horizonte para Ouro Fino. Comecei meu trabalho numa escola pública estadual, desde essa época. Seu contingente de alunos vem, na grande maioria (80%), da classe pobre que des-habita os beneplácidos de uma cidade pequena, que desce-e-sobe morro (é como se diz aqui), nestas montanhas do Sul de Minas, tão cheias e poesia verde. A cidade, para você entendê-la, tem a mesma morna das cidadezinhas sem indústrias, cujo meio de vida é agricultura e pecuária. Temos também alunos de bairros periféricos da parte oeste da cidade, de zona rural (pequenos sítios) e um grupo mais reduzido de classe média baixa: filhos de professores, de outros funcionários públicos e pequenos comerciantes.

Iniciei meu trabalho, nesta escola, como bibliotecária, ficando nesta atividade uns quinze anos. Mudei-me para a sala de aula - havia decidido trabalhar a linguagem, de um modo mais completo, mais próxima dos alunos. Passei a ensinar Português para as 5ªs séries do 1º Grau. De modo geral, o que assistia como prática dos meus colegas me angustiava e me deixava inquieta. Comecei a busca de meios para fazer "o diferente". Para sacudir, pouco que fosse, o cheiro triste de mofo, das aulas de Português. Isso me levou de volta à PUC-MG, nos cursos do PREPES. Escolhi Língua Portuguesa - Redação, sob a coordenação de Márgda Soares. Penso que a partir daí comecei a enxergar caminhos.

Já havia, antes, feito minha opção partidária. Fundamos na cidade o PT (um pequeno grupo, que até hoje pouco cresceu) e me envolvi no partido porque a minha proposta já era ensinar para os filhos da classe trabalhadora. Vi, na opção partidária, um modo de me posicionar com firmeza, reivindicando para mim o direito de ser socialista e de me apresentar como tal.

Quanto ao ensino de Português, mil e algumas idéias vieram-me à cabeça. Onde começar? O que se tem para começar? Quadro-de-giz, o giz (nem sempre), carteiras e mesas (quebradas, muitas delas), biblioteca escolar que se desorganizara e cujo acervo (era sofrível) perdeu-se em grande parte. Ficamos

sem biblioteca (de portas fechadas) alguns anos. Sei que nada disso que conto é novidade. Afinal, quem tem como presidente o Sr. José Sarney e mais ainda, quem vive a catástrofe do desgoverno mineiro com Newton Cardoso, sabe que a escola pública é isso mesmo. Por acreditar que a pressão de movimentos classistas, a longo prazo, possa modificar o cotidiano das relações de trabalho, envolvi-me em todos os movimentos reivindicatórios dos professores do Estado de Minas Gerais que, diga-se de passagem, até o presente momento, deu poucos frutos.

Mas, conservo cá comigo uma outra crença: professor ensina, aluno aprende. Assim fui para a sala de aula, na tentativa de incorporar idéia de liberdade de fala, de respeito de ouvir, de prazer de expressar, de sentir a gostosura de ler (minha relação com leitura e escrita é de paixão). Iniciei a construção de relações bem vivas na sala de aula. (Às vezes dá uma canseira danada!) Passamos a contar nossas experiências, coisas bem simples, do dia-a-dia, a contar nossas leituras (a dos livros e as outras) e daí para a escrita foi um passo: o ato complementar. Fatos da vida de cada um de nós, alunos e professores, passaram a ser nosso material de trabalho com a linguagem. Assim: um passeio, um bailinho, uma reunião de aniversário, uma travessura passada ou presente, uma excursão com a professora de Ciências, uma matéria de Geografia ou História. Fomos fazendo uma salada de experiências e sempre que possível, nós as vivíamos juntos. Isso nos tornou próximos e conhecidos: os alunos e eu. Assunto para falar já não nos faltava. E podíamos escrever sobre eles, nós tínhamos o que contar.

Descobrimos, assim, que todos podem escrever. E o como escrever? A gente vai desvendando a partir dessa língua viva que cada um traz consigo e que se pode exercitar na sala de aula. É falação que não acaba mais. Não quer dizer que consegui milagres. Nem a fala de todos. Para ilustrar, deixe-me abrir um parêntese e contar uma história: numa sala de 6ª série, era hora da falação pós-férias. Aquele entusiasmo efervescente dos alunos! Estava difícil esperar a vez, era história e mais história: da praia, do cavalo que se assustou com a cobra, tinha até uma viagem de avião. Foi aí que aquela aluna encolhida e escurinha contou que, no mercado, tirou da banca alguns tomates e os escondeu na sacola. Não tinha dinheiro para comprar a lista que a mãe lhe dera. E o que ela gostava mais da lista, era de tomate. Agora ela está na 8ª série, gosta de ler, se expressa bem na escrita. Mas, falar, até hoje foi o único fato pessoal que contou espontaneamente.

Não posso deixar de registrar que, iniciado meu projeto de ensino de linguagem, consegui acompanhar as séries. Começo com uma turma na 5ª série e vou com ela até a 8ª série. Este ano, fecho meu trabalho no 1º grau, com a primeira turma: a 8ª série A.

A procura de livros para a leitura livre e a pesquisa nos levou a descobrir a Biblioteca Municipal (bem acanhada, até) e começamos a usá-la. Cautela que 80% dos alunos são hoje seus usuários fichados. Alguns alunos co-

* Professora de Língua Portuguesa de uma escola pública de Ouro Fino em Minas Gerais.

mo Alessandra - filha de pedreiro - formaram pequenas bibliotecas e a troca de empréstimo pôde ser feita entre os próprios colegas. Podemos contar também com livros que adquiri, muitos deles, oferta de editoras aos professores de Português. Além de um pequeno jornal local (hoje não existe mais), da Folha, do Estado de São Paulo (os jornais mais consumidos em Ouro Fino, pela relativa proximidade com São Paulo) e do Estado de Minas - que eu própria assinava na tentativa de conservar o cordão umbilical que me mantinha ligada a Belo Horizonte, mas que o tempo e a distância foram rompendo - temos usado nas aulas: letras de músicas (prefiro o Caetano e o Chico, mas os alunos gostam dos Titãs e congêneres), poesias, crônicas, correspondência oficial, panfletos, propaganda política. Afinal, tudo que podemos ler. Até oração a São José, distribuída na porta da escola.

Seria injusto não registrar "Português através de textos" da Márgda Soares, cujo estudo, destacando-se a compreensão de textos (não vi, ainda, nada melhor, no assunto), tem-me auxiliado na minha empreita. E foi a partir de um estudo de texto, do volume 6, da coleção citada, que vivi uma experiência quase-trágica, outro dia, numa sala de aula. O texto "A outra noite" de Rubem Braga nos levou a uma interrogação animada sobre o que seria para nós um presente de reis (a exemplo do motorista de táxi do texto). Uma chuva de respostas (presença marcante do discurso adulto da violência, droga, etc.). Foi aí que o Marcos, 12 anos, esquentou a sala: "Um presente de reis é um bom presidente para o Brasil". Meu Deus, a classe foi sacudida por um fanatismo pró-Collor que me deixou acuada. Assisti, espremida, no canto esquerdo da sala. Só quando a discussão foi tomando proporções de incomodar a sala vizinha é que resolvi interferir. Pedi a palavra. Como não fizesse diferença alguma - ninguém me ouvia - gritei. Os alunos se assustaram e se calaram. Pude dizer: - Gente, isso de votar para presidente é sério! Precisa ser muito bem pensado! É preciso procurar conhecer os candidatos, saber quem é o melhor! - Pois olha, dona, se vier pra gente com Lula, a gente te põe pra fora da sala! - falou o Vinícius, 12 anos, um amor de menino lento. O pior é que eu nunca tinha falado do Lula, na sala de aula. (Acredito que não é espaço para política partidária).

Além do material didático já citado, tenho contado com a participação de alunos que estudam datilografia, na confecção de estênceis dos textos dos próprios alunos, para serem objeto de análise dos colegas. Alguns têm-se encarregado de trazer fitas e gravadores. Outro dia mesmo, dentro de uma unidade sobre música, um aluno fez uma seleção de clássicos de Mendelssohn a Carlos Gomes (ele procurou uma professora de piano da cidade para ajudá-lo). Pena que a fita se enroscou e perdemos o final da seleção.

Entre as atividades extra-classe, os baixinhos agradam mais à faixa de 11 a 13 anos. Já fui convidada exclusiva de alguns deles. O aluno mais alto da turma foi escolhido para ser meu par. Cada professor define um estilo. O meu é o do "docinho de leite". É o prêmio para o aluno que apontar respostas

possíveis. No final do ano, numa reunião feita em minha casa, pago docinhos e um suco de quebra, de puro gosto de ver toda aquela alegria, na minha casa. Já recebi rosas vermelhas e cartão de agradecimento, depois de uma dessas reuniões.

Compêndios de textos de alunos, ilustrados pelos desenhistas da classe, com lançamento festivo, no pátio da escola, concursos de frases, jornal mural, fazem parte de nossos trabalhos.

Das atividades realizadas, do meu ponto de vista, é claro, a que mais nos envolveu foi a conclusão do estudo de música. Talvez pelas dificuldades enfrentadas: conseguir o filme, tivemos que buscá-lo numa cidade vizinha: Amadeus. Televisão, vídeo-cassete, tudo. Depois o comentário, o texto escrito. Transcrevo aqui, o texto de Almiro, 14 anos, escrito após os debates sobre o filme.

"O Gênio da Música:

O filme Amadeus retrata a vida de Wolfgang Amadeus Mozart, sua genialidade musical, a mais apurada de todos os tempos. Mozart vivia em função da música, desde pequeno compunha lindíssimas melodias, encantando plateias, causando inveja em muitos compositores.

Escrevia música como se estivesse escrevendo uma poesia, só que tudo que compunha era sem rascunho, imaginava a combinação dos sons e construí obras inesquecíveis.

O tempo não apagou suas obras, até hoje, mais de um século já se passou, sua obra continua na memória mundial.

O filme Amadeus é a biografia romanceada de Mozart, pois não consta em documento algum, mais dados precisos de sua vida.

Almiro José Machado Júnior"

Tenho tentado, na sala de aula, distribuir os bens de cultura dos quais eu posso me apoderar, através do ensino de Português. Alguns professores (três, até o momento) estão também partindo para este tipo de trabalho. (Graças a Deus, já tenho com quem trocar experiências). Existe nelés, uma preocupação: o ensino da "língua padrão"? Tranquilizando-os, aponto nessa "nova proposta" as oportunidades de se lidar globalmente com a linguagem: muita leitura, a descontração da fala, a escrita sem "tensão", (é claro, não em níveis ideais, ainda) e a aprendizagem da língua padrão através da análise (já referida) dos textos dos próprios alunos e sua reestruturação, pós-análise.

"Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, enérgicas,
comprimidas há tanto tempo,
perdem o sentido, apenas querem explodir."

(Carlos Drummond de Andrade)